

OS PREFÁCIOS DOS ROMANCES DE JOÃO MARQUES DE CARVALHO EM FOLHETINS BELENENSES OITOCENTISTAS

THE PREFACES OF JOÃO MARQUES DE CARVALHO IN SERIAL NOVELS FROM BELEM IN NINETEENTH-CENTURY

Alan Victor Flor da Silva – PG-UFGA
Germana Maria Araújo Sales- UFGA

RESUMO: João Marques de Carvalho nasceu no dia 6 de novembro de 1866, em Belém, no estado do Pará, e morreu no dia 11 de abril de 1910, em Nice, na França, aos 43 anos. Durante sua vida, foi diplomata, político, jornalista e escritor. Atuou não apenas como colaborador de jornais que fizeram parte da constituição da história da imprensa paraense, como *Diário de Belém*, *A Província do Pará* e *A República*, como também ajudou a fundar jornais de pequeno porte e vida efêmera, como *A Arena* e *Comércio do Pará*. Nessas folhas periódicas, deixou grande parte de sua produção ficcional, como poemas, contos e romances. A partir dos prefácios dos romances em folhetim *A leviana: história de um coração* (1885) e *O Pagé* (1887), publicados, respectivamente, nos jornais *A Província do Pará* e *A República*, objetivamos, com este trabalho, traçar o perfil do leitor idealizado por Marques de Carvalho e a construção que o autor faz de si mesmo em relação a seu papel de escritor nos prólogos dessas narrativas.

Palavras-chave: Marques de Carvalho; prefácios; público-leitor; folhetim; jornais.

ABSTRACT: João Marques de Carvalho was born on November 6th, 1866, in Belém, Pará State, and died on April 11th, 1910, in Nice, France, at the age of 43. During his lifetime, he worked as a diplomat, politician, journalist and writer. He served not only as a contributor to the newspapers that were part of the history constitution of Pará press, such as *Diário de Belém* (Belém Daily News), *A Província do Pará* (Pará Province), and *A República* (Republic), but also helped to found small newspapers whose lifetime was very short, such as *A Arena* (Arena) and *Comércio do Pará* (Pará Trade). In such newspapers, he published most of his fictional productions, such as poems, short stories and novels. In the present work, from the prefaces of the serialized novels *A leviana: história de um coração* (The flighty: story of a heart [1885]) and *O Pagé* (The Healer [1887]), which were published respectively in *A Província do Pará* and *A República*, we aim to draw the profile of the reader idealized by Marques de Carvalho and the construction that the author makes of himself towards his role as a writer in the prologues of these narratives.

Keywords: Marques de Carvalho; prefaces; the reader; serials; newspapers.

1. Para início de conversa...

Os prefácios, quando escritos pelos próprios romancistas, funcionam como um espaço reservado ao diálogo entre autores e leitores. Nesse texto introdutório ao romance, os escritores, em tom de conversa, expõem suas opiniões, suas confissões,

suas queixas e seus pensamentos aos possíveis leitores de sua obra, justamente com a finalidade de envolvê-los e seduzi-los.

É por essa razão que os prefácios nos permitem compreender qual seria o leitor pretendido ou idealizado pelo romancista, quais seriam as estratégias empreendidas pelo escritor para atrair o público-leitor e quais eram as discussões empreendidas em torno do próprio gênero romance ou do movimento literário em vigor.

No Brasil, algumas pesquisas que tomam os prefácios escritos pelos próprios romancistas como objeto de estudo já foram desenvolvidas. No livro *Formação do romance inglês: ensaios teóricos* (2007), Sandra Vasconcelos reuniu os prólogos de romances ingleses do século XVIII para discutir as definições e as características do romance moderno, a figura do leitor e o papel do romancista na Inglaterra setecentista. Na Tese de doutoramento *Palavra e sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas* (2003), Germana Sales, por sua vez, compilou os prefácios de romances brasileiros durante o Romantismo, especificamente desde 1826 até 1881, com a finalidade de analisar a imagem que o romancista constrói do leitor, do gênero romance e de si mesmo.

Inspirado nessas pesquisas, este trabalho pretende considerar apenas os prefácios dos romances de Marques de Carvalho publicados na coluna folhetim dos jornais belenenses oitocentistas.¹⁹ Porém, antes de avaliar os prólogos propostos para este estudo, são necessárias algumas informações biográficas a respeito do romancista paraense para situar o leitor.

Marques de Carvalho dedicou grande parte de sua vida ao jornalismo e colaborou tanto para jornais que fizeram parte da história da imprensa periódica paraense, como *Diário de Belém*, *A Província do Pará* e *A República*, quanto para jornais de pequeno porte e vida efêmera, como *A Arena* e *Comércio do Pará*. Assim, o romancista aliou sua carreira jornalística à de escritor e utilizou-se de um espaço específico dos jornais oitocentistas, muito usado por escritores estrangeiros e nacionais para divulgação de parte de sua produção ficcional. Este espaço era a coluna *Folhetim*²⁰.

¹⁹ Esses periódicos encontram-se acessíveis ao público em rolos de microfilme, disponíveis no Setor de Microfilmagem da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN), localizada em Belém, capital do estado do Pará.

²⁰ A coluna folhetim foi uma seção específica da imprensa periódica de quase todo século XIX e do início do século XX, passando por um período de ascensão, de auge, de declínio e de desaparecimento. Originária da imprensa jornalística francesa oitocentista, essa coluna tinha uma peculiaridade em relação às outras: localizava-se precisamente no rodapé das primeiras páginas dos jornais, sendo separada das demais por uma linha horizontal. Essa coluna era dedicada especialmente à publicação de diversos

Nessa seção do jornal *A Província do Pará*, por exemplo, Marques de Carvalho publicou quatro textos em prosa de ficção no ano de 1885, como o romance *A leviana: história de um coração*²¹ e os contos “A Cereja”²², “A comédia do amor”²³ e “Que bom marido!...”²⁴. No rodapé do jornal *A República*, divulgou, em 1887, o romance *O Pagé*²⁵.

Na coluna *Parte Literária* do jornal *Diário de Belém*, ocupando quase totalmente a primeira página, o escritor lançou, em 1889, o conto “O preço das pazes”²⁶. No periódico literário *A Arena*, destinado apenas à publicação de textos assinados apenas por autores paraenses, publicou, em 1887, os contos “Ao soprar da vela”²⁷, “História incongruente”²⁸ e “A medalha do soldado”²⁹.

Desses textos ficcionais, apenas os romances em folhetim – *A leviana: história de um coração* e *O Pagé* – serão considerados para avaliação, pois são os únicos textos em prosa de ficção que apresentam prefácios. Sobre esses romances, é importante saber que, no dia 25 de março de 1885, Marques de Carvalho divulgou na coluna *Folhetim* do jornal *A Província do Pará*, em trinta e oito fascículos, o romance *A leviana: história de um coração*. Após sua trigésima oitava publicação, no dia 4 de agosto de 1885, a narrativa, sem nenhum aviso prévio, foi inesperadamente suspensa, embora seu enredo ainda não tivesse chegado ao fim. Do mesmo modo, no dia 18 de janeiro de 1887, o

sortimentos de textos considerados frívolos: artigos críticos; crônicas; comentários sobre acontecimentos mundanos; piadas; receitas de beleza e de culinária; boletins de moda; resenhas de teatro, de literatura e de artes plásticas, além de outros gêneros relacionados ao entretenimento. Interessados no sucesso que a coluna fazia naquela época entre o público-leitor francês, Émile de Girardin, proprietário do jornal francês *La Presse*, e seu ex-sócio e pirateador Dutacq, proprietário do jornal *Le Siècle*, lançaram pela primeira vez nesse rodapé ficções em fatias seriadas, principalmente os romances, os quais, mais tarde, ficaram conhecidos no Brasil pelo nome romance-folhetim. O resultado foi um grande sucesso. A fórmula “continua amanhã” ou “continua no próximo número”, que a ficção em série proporcionava ao folhetim, alimentava paulatinamente o apetite e a curiosidade do leitor diário do jornal e, obviamente, como resposta, fazia aumentar a procura pelo gênero, proporcionando-lhe maior tiragem e, conseqüentemente, barateando seus custos. O reinado do romance-folhetim estendeu-se na França até o começo do século XX. Vários escritores e obras levaram o público ao delírio da expectativa e, às vezes, ao exagero da comoção. Em razão do sucesso que fazia na França, o novo gênero rompeu os limites geográficos de sua produção e conquistou adeptos, plagiadores, tradutores e fiéis leitores no mundo inteiro (Cf. MEYER, 1996).

²¹ Esse romance foi publicado entre os dias 25 de março e 4 de agosto de 1885, em trinta e oito fascículos.

²² Esse conto foi publicado entre os dias 15 e 23 de agosto de 1885, em sete fascículos.

²³ Esse conto foi publicado entre os dias 6 e 15 de setembro de 1885, em seis fascículos.

²⁴ Esse conto foi publicado no dia 25 de dezembro de 1885, em um único fascículo.

²⁵ Esse romance foi publicado entre os dias 18 de janeiro e 20 de fevereiro de 1887, em 23 fascículos.

²⁶ Esse conto foi publicado no dia 2 de fevereiro de 1889, em único fascículo.

²⁷ Esse conto foi publicado nos dias 17 de abril e 1º de maio de 1887, em dois fascículos.

²⁸ Esse conto foi publicado no dia 22 de maio de 1887, em um único fascículo.

²⁹ Esse conto foi publicado no dia 9 de junho de 1887, e sua continuação, anunciada para a semana seguinte, não foi encontrada.

autor paraense lançou na coluna *Folhetim* do jornal *A República* o romance naturalista *O Pagé*. No dia 20 de fevereiro de 1887, após sua vigésima terceira aparição, também sem nenhuma explicação antecipada, a narrativa foi interrompida.

É por essa e outras razões que pretendemos suscitar algumas questões e tentar respondê-las: a qual categoria de leitores Marques de Carvalho se dirigia nos prefácios de seus romances? Qual era o perfil ou a construção do leitor idealizado por Marques de Carvalho nos prólogos de seus romances? Quais são as hipóteses que podem ser levantadas para inferir por que os romances em folhetim do autor paraense foram inesperadamente interrompidos?³⁰

2. *A leviana: história de um coração: um romance baseado em fatos verídicos?*

Desde quando o romance tornou-se o gênero mais bem aceito, como também o mais lido no mundo ocidental, os romancistas passaram a se utilizar de inúmeras estratégias e artimanhas para afiançar a confiança dos leitores e para garantir elogios. Entre essas estratégias, Márcia Abreu cita uma que causava muitos debates entre os detratores e os defensores dos romances: a atribuição de veracidade aos enredos:

A narrativa de Altina sintetiza os mais sérios perigos percebidos pelos detratores do gênero: a confusão entre realidade e ficção, favorecida pelo fato de os romances insistentemente declararem-se verídicos; a frustração com relação à própria vida, julgada interessante quando comparada às narrativas; o desejo de fazer, na vida real, o mesmo que fazem os personagens. No caso de Altina, o problema dizia respeito às origens e ao pertencimento à nobreza. Em outros textos, a questão é de natureza amoroso-sexual, o que torna ainda mais complicado o desejo de transpor para a vida o que se lê nos textos. (ABREU, 2003, p. 284-285)

A dificuldade em distinguir realidade e ficção pode ser creditada à ingenuidade dos leitores, mas também contribuíram as estratégias empregadas pelos romancistas para conferir veracidade aos enredos. Até mesmo as mais fantásticas histórias sobrenaturais podiam ser apresentadas como extraídas diretamente da realidade, como o fez Daniel Defoe em um dos prefácios às suas “True Ghost Stories”. (ABREU, 2003, p. 298-299)

³⁰ Considerando-se que os textos introdutórios foram escritos no século XIX seguindo a ortografia vigente na época, optamos por fazer a atualização ortográfica de todos os excertos que utilizamos neste artigo para facilitar a compreensão do leitor.

Atribuir veracidade aos enredos constituiu uma prática muito comum entre os romancistas nos séculos XVIII e XIX. Assim como Daniel Defoe e diversos outros romancistas, Marques de Carvalho adotou essa técnica. De forma engenhosa e perspicaz, no prólogo do romance *A leviana: história de um coração*, publicado na coluna folhetim do jornal *A Província do Pará*, o escritor paraense induz o leitor a acreditar que a trama dessa narrativa foi baseada em fatos verídicos. Se não fosse pela presença do vocábulo “Prólogo” antes do texto em si, seria possível acreditar que o público-leitor pensaria que a história foi iniciada sem preâmbulos, pois os elementos da narração – enredo, tempo, espaço, foco narrativo e personagens – aparecem logo no começo, como ilustra o excerto a seguir:

Eram dez horas da noite de 18 de março de 18...
As salas do *Café Carneiro* regurgitavam de *habitués* que, ou jogavam bilhar, ou passeavam pacatamente de um para outro lado, desfilando por junto à mesa onde eu me achava saboreando o conteúdo de uma chávena de café, em companhia de um amigo.
Íamo-nos já a retirar, quando se acercou de nós um rapaz bem trajado, – posto que com algum desalinho, – muito pálido e magro, andando a custo. À primeira vista conhecia-se logo que estava quase ébrio. (CARVALHO, *A Província do Pará*, 25 mar. 1885, p. 2)

Na história narrada no prólogo, Marques de Carvalho é o narrador-personagem que conta ao leitor como conheceu Carlos de Medeiros. Sentado no Café Carneiro às dez horas da noite com um amigo que se chamava Mendonça, o autor-narrador tomava uma xícara de café. Quando os dois iam se levantar para partir, aproxima-se um rapaz bem vestido, embora em desalinho, muito magro e pálido, além de estar em estado de ligeira embriaguez. Depois de alguns cumprimentos, Mendonça apresenta a Marques de Carvalho o jovem mancebo, que despertou logo a simpatia do narrador dessa história.

Além do estado de embriaguez, Carlos encontrava-se muito doente. Crises de tosse o interrompiam sucessivamente e vinham sempre acompanhadas de algumas gotas de sangue que brilhavam em seus lábios pálidos e manchavam o chão de vermelho vivo. Não era, porém, apenas o álcool e a doença que o consumiam, pois Carlos também sofria de uma grande desilusão amorosa.

Depois de muitas insistências, Marques de Carvalho e Mendonça conseguiram convencer Carlos a se retirar do estabelecimento. Acompanharam-no até a casa onde o jovem desiludido residia. Quando abriram a porta, um criado logo apareceu para ajudá-los a despír e a deitar o patrão embriagado, doente e desiludido. Quando se dispuseram a sair, Carlos chamou Marques de Carvalho para lhe fazer um singelo pedido:

– Sr. Carvalho; se quer ter assunto para novecentas ou mil tiras de papel, venha falar-me... amanhã à tarde; contar-lhe-ei a minha vida... a vida do meu... coração... um ver... da... deiro.... ro... mance... Ah! Ah! Ah!
E riu-se de novo com aquele gargalhar fatídico, que nos resoava até ao mais íntimo da alma.....

.....
Ao chegar à rua, eu e Mendonça chorávamos...

(*Continua*)

(CARVALHO, *A Província do Pará*, 25 mar. 1885, p. 2 e 3.)

Percebemos que Marques de Carvalho, já no prólogo de seu romance, utilizou-se de uma fórmula que proporcionava sucesso ao romance-folhetim. As expressões “continua amanhã” ou “continua no próximo número” ao fim de cada fascículo eram as responsáveis por causar o desejo do leitor em acompanhar a continuação da narrativa, sobretudo quando a história era, estrategicamente, interrompida no auge da expectativa. É muito provável que os leitores tenham sentido a curiosidade de conhecer a vida de Carlos, principalmente a história de amor que lhe causou inúmeras dores e sucessivas decepções.

No fascículo seguinte, publicado em 27 de março de 1885, a história recomeça. Naquela noite, Marques de Carvalho não conseguiu dormir direito, pois passara a noite recordando a fisionomia pálida e simpática de Carlos de Medeiros e desejando conhecer a história desse jovem rapaz. No dia seguinte, às cinco horas da tarde, totalmente ansioso, dirigiu-se à casa de Carlos, para conhecer as revelações que tanto lhe foram prometidas. Ao ser recebido afavelmente por seu novo amigo, o escritor paraense reparou que o mesmo jovem da noite anterior, naquele momento, estava com as faces mais coradas e com as linhas do semblante mais tranquilas.

Os dois conversaram sobre composições literárias, sobre o desenvolvimento da literatura na região amazônica e no território brasileiro, sobre a pouca importância destinada aos escritores locais, sobre a necessidade de uma academia de letras no Pará e de uma universidade no Rio de Janeiro, entre outros assuntos. Foi apenas ao final da conversa que Carlos começou a falar de sua própria vida. A longa e pungente narração de sua história levou ambos às lágrimas. Às dez horas da noite, os dois amigos despediram-se. Carlos agradeceu a visita de Marques de Carvalho e fez-lhe alguns pedidos.

– Venha ver-me de tempos a tempos. Muito lhe agradecerei a visita. Vivo tão abandonado por todos... Quanto ao romance da minha história, escreva-o depois que eu morrer, porém que seja restritamente modelado pelas informações que acabei de dar-lhe. Não altere nem acrescente nada, a não ser

um ou outro episódio secundário, que se faça preciso para a boa disposição do entrecho, e os nomes dos principais personagens, que devem ser crismados pelo senhor, a fim de evitar dissabores futuros... Ouça! – continuou com as lágrimas a bailarem nos olhos – verbere bem o procedimento de Georgina, para exemplo das moças que se acharem no caso dela... Coitada! Foi mais leviana e infeliz do que criminosa... (CARVALHO, *A Província do Pará*, 27 mar. 1885, p. 2)

Percebemos que Marques de Carvalho, no prólogo de seu romance, apresenta uma pequena narrativa para introduzir uma maior. Na história narrada no prefácio, o autor paraense explica como chegou a conhecer Carlos de Medeiros e sua mal sucedida história de amor com Georgina, objeto de inspiração para seu romance publicado no jornal *A Província do Pará*. É provável que Marques de Carvalho tenha elaborado essa curta história com o intuito de atribuir à sua produção ficcional um caráter de verdade.

De acordo com Ian Watt, imprimir à ficção traços da realidade era uma característica do romance moderno, pois essa nova forma literária tinha como critério fundamental a fidelidade à experiência individual. Nesse novo estilo, o gênero romanesco passa a destinar uma atenção maior à nomeação das personagens, à demarcação do tempo e do espaço e à representação da vida doméstica, com a qual os leitores se identificavam, pois a história das personagens era muito semelhante às suas. Essas características, assim como estabelece Ian Watt, estão de acordo com o realismo formal, o qual permite uma imitação mais imediata da experiência individual situada em um contexto temporal e espacial (Cf. WATT, 1990). É por essa razão que o romance exigia menos do público que os demais gêneros literários.

Ao final do prólogo, Marques de Carvalho dirige-se ao leitor, a quem depois de muitos preâmbulos sugere que o acompanhe para conhecer a história narrada por Carlos, como podemos visualizar no excerto a seguir.

Dois meses depois, por uma tarde chuvosa e tétrica, Carlos de Medeiros expirava murmurando um nome:
– Georgina!...

.....
.....

Agora, se o leitor quiser saber a lutuosa história que me contou Carlos, o ébrio, – assim lhe chamavam, – digno-se acompanhar-me à primeira parte deste romance.

FIM DO PRÓLOGO

(CARVALHO, *A Província do Pará*, 27 mar. 1885, p. 2)

Ao término do prefácio, compreendemos que Marques de Carvalho, assim como muitos autores dos séculos XVIII e XIX, renegou a autoria de seu romance ao apresentar-se apenas como narrador da história vivida por Carlos. Para causar esse efeito, o escritor paraense cria uma pequena narrativa no prólogo que conduz o leitor a acreditar na legitimidade dos fatos narrados, pois não há nenhum indício no breve enredo que lhe despertasse a desconfiança. Como consta no prefácio, Marques de Carvalho prometeu ao amigo enfermo que não alteraria nem acrescentaria nada que fugisse à história que lhe havia sido contada. Quem deixaria de acreditar numa promessa feita a um amigo que se encontrava próximo à morte? Quem não confiaria em uma história tão realista como a narrada por Marques de Carvalho?

Percebemos que esse leitor ideal a quem Marques de Carvalho se destina e que acredita na realidade impressa à ficção, é um indivíduo curioso, alguém que seja capaz de acompanhá-lo a cada fascículo a fim de descobrir qual foi o desfecho que levou Carlos de Medeiros à desilusão amorosa. Compreendemos, portanto, que o prólogo de caráter narrativo foi uma estratégia elaborada pelo escritor paraense para envolver e despertar a curiosidade de seus leitores.

Ao chegar à leitura do romance, o leitor intuirá que o foco que no prólogo recai sobre Carlos passará para Georgina. A partir do terceiro fascículo, a narrativa apresentará principalmente os dramas da personagem feminina desenganada e perdida entre dois amores: Carlos de Medeiros e Pedro da Silva.

Como já foi aludido anteriormente, o romance em folhetim foi suspenso abruptamente, sem nenhuma explicação prévia. No entanto, em razão da existência do prólogo, é possível imaginar que o desfecho da narrativa não foi feliz para as personagens. Além da doença que o levou à morte, Carlos faleceu completamente desiludido pelo amor. Georgina, por seu turno, terminou como uma vítima de artimanhas de sujeitos de má índole e de sua própria leviandade.

No prólogo do romance do jornal *A Província do Pará*, Marques de Carvalho, à maneira de tantos outros romancistas, utilizou-se de uma tática comumente empregada no século XIX: negar a autoria da própria obra. No entanto, a breve narrativa no prólogo – dividida em dois fascículos – revela uma engenhosa estratégia para induzir o leitor a acreditar na veracidade do enredo, seduzindo-o e envolvendo-o.

3. Um romance naturalista em folhetim: pela pena de um paraense

Em 18 de janeiro de 1887, o jornal *A República* apresenta uma nota a respeito da publicação do romance naturalista de Marques de Carvalho, divulgado no mesmo dia na página seguinte, precisamente na coluna *Folhetim*. Nessa nota, a figura do autor paraense é enaltecida, sendo alvo de elogios, como “distinto acadêmico” e “ilustre comprovinciano”:

O nosso folhetim

Começamos hoje a publicar um romance naturalista original do distinto acadêmico paraense Marques de Carvalho.

Chamamos a atenção dos leitores de *A República* para essa obra do nosso ilustre comprovinciano. (*A República*, Belém, 18 jan. 1887, p. 2)

Ao virar a página, o leitor logo se depara com o prefácio do romance em folhetim *O Pagé*, assinado pelo próprio Marques de Carvalho. Além disso, chamamos a atenção para a denominação “romance naturalista”, pois não era muito comum, no rodapé das folhas periódicas, a publicação de obras que fugissem às características das narrativas melodramáticas e às temáticas corriqueiras dos romances-folhetins. É por essa razão que, segundo Marlyse Meyer, se todos os romances no século XIX, em média, passam a ser publicados na coluna folhetim, nem todos podem ser considerados romances-folhetins (Cf. MEYER, 1996). Essa afirmação significa que a divulgação de romances no rodapé das primeiras páginas dos jornais oitocentistas não é critério suficiente para que uma narrativa ficcional seja rotulada como folhetinesca, pois características internas ao texto também devem ser levadas em consideração, como a presença do melodrama, a baixa densidade psicológica das personagens e as temáticas banais: os amores proibidos, as paternalidades trocadas, os filhos bastardos e as heranças usurpadas.

No prefácio dessa narrativa, Marques de Carvalho afirma que cortou seus laços com a escola romântica para se filiar ao Naturalismo, movimento em ascensão nas duas últimas décadas do século XIX. Para o autor paraense, os romances românticos, já no final do período oitocentista, apresentavam abusos e prolixidades, pois ofereciam temáticas muito recorrentes e descrições extenuantes, repletas de adjetivos. É por essa razão que Marques de Carvalho inclina-se pela nova escola literária que entrava em voga – o Naturalismo. No texto introdutório, fica evidente que o escritor vangloria-se por acreditar que escreveu uma obra inovadora, que foge às fórmulas e às receitas, muito utilizadas por romancistas românticos.

É *O Pagé* o primeiro trabalho de seu gênero escrito por um paraense: cabe-me essa glória, tenho a máxima honra em reclamá-la. Desejei fazer um romance que fosse simplesmente um estudo físico-psicológico desse personagem astucioso e hipócrita que é o terror dos espíritos fanáticos do povo de minha província; para isso, alienei-me da velha escola romântica, desprezei-lhe os abusos e prolixidades, para deixar-me levar pela grande orientação literária da nossa época. (CARVALHO, *A República*, 18 jan. 1887, p. 1)

Observamos ainda que Marques de Carvalho se enaltece ao se considerar o pioneiro entre os escritores paraenses a escrever uma obra de cunho naturalista. O autor de textos em prosa de ficção em folhetim, no entanto, parece ignorar ou desconsiderar a existência de seu conterrâneo Inglês de Sousa, que, antes do lançamento da obra *O Pagé* em 1887, já havia publicado três romances inseridos na mesma estética literária: *O cacaulista* (1876), *História de um pescador* (1877) e *O coronel Sangrado* (1877).³¹

Portanto, considerando-se as datas de publicação das obras, Marques de Carvalho equivocou-se em sua afirmação ao se esquecer de seu conterrâneo ou tentou, intencionalmente, diminuir – ou mesmo apagar! – a importância de Inglês de Sousa no cenário da produção literária no estado Pará, para que garantisse unicamente para si o prestígio de ser o primeiro paraense a escrever uma obra de cunho naturalista.

Por filiar-se ao Naturalismo, Marques de Carvalho, no prefácio de seu romance, projeta uma imagem acerca de seu público-leitor e elabora uma ideia a respeito da recepção de sua obra:

À força de muito labutar consegui levantar uma obra sobre documentos humanos autênticos e notas tomadas longa e pacientemente em diversos lugares e épocas.

Bem sei que este livro causará escândalo na família paraense, pela rudeza de suas cenas copiadas da vida real com o maior e mais consciencioso escrúpulo. Tenho quase que uma certeza dos ataques violentos que me vão ser dirigidos pelos conservadores românticos, dos quais a resistência em permanecerem na esquecida escola é deveras contristadora. Mas eu não me acovardo, não volto atrás: espero que a justiça me seja feita um dia, quando a evolução, beneficemente fatal, houver curvado todas as cabeças à moderna fórmula literária. Aqueles que pateiam hoje o realismo aplaudi-lo-ão amanhã, logo que o tenham compreendido. (CARVALHO, *A República*, 18 jan. 1887, p. 1)

³¹ Lúcia Miguel Pereira afirma que essas três obras de Inglês de Sousa não se comparam às de Aluísio de Azevedo, como *O mulato* (1881), *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890). A autora acredita que, talvez, seja por essa razão que o título de precursor do movimento naturalista no Brasil tenha sido atribuído ao escritor ludovicense, que publicou *O mulato* (1881) somente quatro anos após a obra *O coronel Sangrado* (Cf. PEREIRA, 1988). Entretanto, não se pode negar que, independente da técnica ou da densidade literária das obras, Inglês de Sousa foi o precursor do Naturalismo não apenas na Amazônia, como igualmente no Brasil.

Fica claro nesse prefácio que Marques de Carvalho parece esperar julgamentos severos destinados a seu romance por parte de seus leitores mais conservadores, afeiçoados aos romances românticos e aos romances-folhetins, gêneros romanescos com temáticas melodramáticas que atraíam o interesse do público-leitor no século XIX, não apenas no Brasil como também nos países europeus. É por essa razão que Marques de Carvalho critica seus leitores imaginários, pois acredita que a população paraense não seria capaz de compreender seu projeto literário.

No entanto, apesar de seu discurso ríspido e ofensivo, é possível também que Marques de Carvalho tenha se utilizado do espaço do prefácio para fazer uma espécie de propaganda de seu romance, qualificando-o como proibido. Robert Darnton, em seus estudos sobre os livros licenciosos na França pré-revolucionária, afirma que, no século XVIII, bastava que uma obra fosse censurada para que se tornasse um verdadeiro *best-seller* (Cf. DARNTON, 1998). Seguindo o mesmo raciocínio, é provável que o autor paraense, com a intenção de chamar a atenção dos leitores a partir de uma forma de publicidade às avessas, tenha escrito um prólogo ressaltando as cenas possivelmente inescrupulosas que constariam em seu romance e atribuindo a ele, conseqüentemente, uma posição de obra proibida. Assim, é plausível que os leitores curiosos, a fim de conferir o que haveria de tão audacioso e chocante para que o romance naturalista de Marques de Carvalho seja alvo de críticas severas, lê-lo-iam fascículo a fascículo.

Seja por acreditar que seu público não compreenderia satisfatoriamente sua obra, seja por utilizar o espaço do prefácio para fazer uma espécie de publicidade às avessas, todas essas hipóteses dependem de uma imagem que Marques de Carvalho formula de si e de seu leitor.

Sobre o leitor idealizado pelos escritores nos prefácios de suas obras, é possível identificar quatro categorias para classificar o grupo adepto à leitura de romances, considerando a maneira como os romancistas dirigem-se ao público-leitor ao qual pretendem atingir. A primeira categoria é destinada às leitoras, frequentemente mencionadas nos textos introdutórios, pois o desenvolvimento da instrução feminina no Brasil do século XIX propiciou a inclusão da figura feminina no grupo de leitores de romances. A segunda classificação está relacionada ao leitor benévolo e benigno, aquele de quem o autor pode obter a solidariedade na leitura de sua obra. Essa classe de público, supostamente, acolhe e recebe a obra do romancista com benevolência e complacência, sem fazer críticas severas. A terceira categoria é dirigida ao leitor erudito

e crítico, a quem o autor escreve algo que julga que lhes será útil como informação e instrução. A essa categoria, enquadra-se, da mesma forma, o leitor conhecedor de outros idiomas, capaz de ler epígrafes escritas em língua estrangeira e de reconhecer as referências a obras clássicas ou a personagens históricas. Na última categoria, há os leitores que leem romances em busca de entretenimento e distração. Nesse grupo, existe o leitor ocupado e o leitor ocioso. A este as obras são destinadas com a única função de entreter e de passar o tempo. Aquele, por sua vez, dedica algumas horas de seu dia à leitura de romances, pois não pode perder muito tempo com obras consideradas frívolas (SALES, 2003).

No prefácio do romance *O Pagé*, o leitor a quem Marques de Carvalho destina sua obra não se enquadra em nenhuma das categorias aqui elencadas, pois o autor paraense não se dirige ao público feminino, não acredita que os leitores seriam benevolentes com a recepção de sua obra nem que seriam capazes de compreendê-la satisfatoriamente, bem como seu romance não seria adequado para as horas de lazer.

Consideramos que é possível, então, definir uma nova categoria de leitor diante desse prefácio, pois o público ao qual se dirige o romancista em seu prólogo pode ser considerado ingênuo, conservador e, sobretudo, preconceituoso. Essa conclusão é plausível porque o romancista, pelo menos aparentemente, acredita que os leitores de sua obra não conseguiriam compreender a proposta de seu trabalho fundamentado na estética naturalista, uma vez que, assim como define o próprio escritor paraense, seu romance apresentaria cenas agressivas e repugnantes, copiadas da vida real com o maior e mais consciencioso escrúpulo. É provável, portanto, que o projeto romanesco de Marques de Carvalho não tenha conseguido, de fato, a adesão nem a preferência dos leitores acostumados com romances da escola romântica, principalmente em razão do conservadorismo e do preconceito.

Sabemos ainda que era muito comum, no século XIX, os prosadores afirmarem em seus prefácios que seus romances foram baseados em fatos verídicos. Em geral, essa era uma tática empreendida pelos romancistas para aproximar a ficção da realidade. Dessa maneira, os leitores seriam conduzidos a acreditar na veracidade dos acontecimentos narrados e, conseqüentemente, poderiam se identificar com a descrição de alguma personagem ou com alguma situação que já vivenciaram (SALES, 2003).

Assim como os escritores de meados do século XIX, Marques de Carvalho se utilizou da mesma estratégia, pois afirmou que seu romance apresenta cenas

reproduzidas da vida real. No entanto, será que o autor paraense fez uso dessa tática com a mesma finalidade ambicionada pelos romancistas românticos?

Os escritores naturalistas, influenciados pela observação científica e pelas novas teorias científicas, interpretavam o comportamento humano aproximando-o de sua natureza animal, de forma a procurar demonstrar a influência de tal natureza sobre suas personagens, explorando temas como a sexualidade, o incesto, o desvio de conduta e o desequilíbrio emocional, envolvendo personagens dominadas por seus instintos e desejos. Então, de acordo com esse princípio, um autor naturalista não se preocupava com a descrição psicológica porque não era seu objetivo a revelação do caráter humano. Sua principal finalidade era encarar o homem, levando em consideração sua dimensão biológica e patológica, seu envolvimento com um destino que não consegue mudar e sua determinação pelo meio em que vive. É nesse sentido que Émile Zola afirma que o romancista é um observador e um experimentador:

O romancista é feito de um observador e de um experimentador. Nele, o observador apresenta os fatos tal qual os observou, define o ponto de partida, estabelece o terreno sólido no qual as personagens vão andar e os fenômenos a se desenvolver. Depois, o experimentador surge e institui a experiência, quer dizer, faz as personagens evoluírem numa história particular, para mostrar que a sucessão dos fatos será tal qual a exige o determinismo dos fenômenos estudados. [...] O romancista sai em busca de uma verdade. (ZOLA, 1982, p. 31)

Para ser, portanto, condizente aos princípios naturalistas, Marques de Carvalho propôs-se a escrever uma obra de ficção baseada em fatos reais, pois a verossimilhança nos romances vinculados a essa estética literária não é uma categoria relacionada à coerência interna da obra, cujo enredo não precisa necessariamente ser uma cópia fiel à realidade. Para o Naturalismo, no entanto, a verossimilhança manifesta-se no plano externo, uma vez que a coerência da obra revela-se na transposição dos fatos reais, assim como são observados, para o enredo do romance. Talvez seja por esse motivo que Marques de Carvalho tenha afirmado que as cenas de seu livro foram copiadas da vida real com o maior e mais consciente escrúpulo, justamente com o intuito de defender a estética naturalista e de mostrar-se como um verdadeiro conhecedor dos princípios da nova escola literária.

Considerando-se a hipótese de que os romances naturalistas não tenham sido, a princípio, bem-aceitos pelo público-leitor, uma vez que estes não estavam acostumados a temáticas extravagantes, como a sexualidade, o incesto, o desvio de conduta e o

desequilíbrio emocional acentuado, ou achavam que o conteúdo dessas obras era um crime contra os bons costumes, é possível inferir que a interrupção inesperada do romance *O Pagé* tenha, talvez, ocorrido porque os leitores, indignados com as cenas abomináveis que liam na coluna *Folhetim*, enviaram cartas aos jornais, prática muito comum à época, solicitando ao editor do jornal a suspensão do romance. É provável também que, apesar do prefácio mordaz, o romance tenha sido suspenso porque não se mostrou tão chocante quanto o público-leitor esperava.

Além da representação que construiu acerca de seus leitores, Marques de Carvalho estabelece uma imagem de si mesmo no prefácio desse romance. Sobre o papel que os romancistas concebem de si mesmos diante de seu público, Germana Sales indica algumas categorias de análise para qualificar as múltiplas naturezas de autoria representadas por meio da voz dos escritores. A autora propõe que há os romancistas que classificam a escrita como uma prática trabalhosa, que exige tempo, dedicação e inúmeras revisões para que seja concluída e chegue até as mãos dos leitores. Além dos escritores laboriosos, há os que se identificam com a figura paterna, pois se posicionam como verdadeiros pais de suas obras, consideradas como se fossem as filhas de sua prática de escrita. Uma terceira categoria é destinada aos escritores modestos, cujos prefácios são repletos de excessos de humildade e de acentuado comedimento, pois avaliam que suas obras necessitam de concertos, por apresentarem defeitos que precisariam ser corrigidos. O próximo grupo é dedicado aos prosadores que negam a autoria da própria obra ficcional, uma vez que se mostram como tradutores ou compiladores de manuscritos dos quais se apoderaram, como editores de cartas que supostamente encontraram por acaso ou ainda como contadores de histórias que lhes foram relatadas por terceiros. Na última categoria, ao contrário dos escritores que se passam por modestos e humildes, há os que se apresentam como militantes ou como indivíduos eruditos, instruídos e sábios. Estes introduzem epígrafes em línguas estrangeiras no início de seus prefácios ou inserem um discurso favorável a seu romance, proferido por algum crítico consagrado ou por alguma figura importante da época. Aqueles, por seu turno, promovem discursos em seus prólogos a serviço de causas sociais, políticas ou literárias.

Embora essas categorias abarquem grande parte dos romancistas brasileiros, acreditamos que Marques de Carvalho não se adequa em nenhuma. É bem certo que o escritor paraense poderia ser enquadrado no grupo de romancistas eruditos e sábios,

pois se demonstra conhecedor dos princípios naturalistas e utiliza como argumento de autoridade o discurso dos irmãos Goncourt³², como ilustra a citação a seguir:

Num belo romance dos irmãos de Goncourt encontro as linhas seguintes que, por conterem uma ideia adequada ao assunto e interpretarem o meu pensamento, vão servir para deste pequeno prefacio:

« Ele (o público) é apaixonado pelas obrinhas brejeiras, pelas memórias de prostitutas, pelas porcarias eróticas, pelo escândalo que uma estampa ostenta nas *vitrines* das livrarias e aquilo que vai ler é severo e puro. Que não espere a fotografia decotada do Prazer: o estudo que aí vai é a CLINICA DO AMOR.

.....
.....
.....

..... « com a sua triste e violenta distração, este livro foi feito para contrariar-lhe os hábitos e prejudicar-lhe a higiene ».....

.....
« Agora, que seja caluniado este livro, pouco lhe importa. Hoje que o Romance alarga-se e cresce; hoje que começa a ser a grande forma séria, apaixonada, viva do estudo literário e da inquirição social; hoje que se muda, pela pesquisa psicológica e pela análise, na Historia moral contemporânea; hoje que o Romance tomou sobre si os estudos e tarefas da ciência, pode reivindicar as liberdades e franquezas dela. » (CARVALHO, *A República*, 18 jan. 1887, p. 1)

No entanto, Marques de Carvalho exalta-se de antemão com seus leitores e demonstra-se como um escritor arrogante, provocador e intransigente, capaz de subjugar duramente os romancistas românticos e de menosprezar os presumíveis desejos e os supostos julgamentos do público-leitor, bem como de apagar a existência de seu conterrâneo Inglês de Sousa como precursor do Naturalismo, não apenas na Amazônia como também no Brasil.

No prólogo de seu romance, notamos que Marques de Carvalho defende ferrenhamente o Naturalismo, desconsiderando – antes mesmo de recebê-las! – as críticas que possivelmente lhe seriam destinadas por seus leitores, os quais, acostumados com romances românticos e romances-folhetins, talvez não tenham visto com bons olhos uma obra que se apresentava aos moldes naturalistas, com cenas supostamente abomináveis e com presumíveis personagens em situações de desequilíbrio emocional ou psicológico acentuados, temas próprios ao Naturalismo, movimento literário que Marques de Carvalho adotou, defendeu e compartilhou durante sua carreira de escritor.

³² Os irmãos Goncourt foram dois escritores naturalistas franceses do século XIX, Edmond de Goncourt e Jules de Goncourt, que escreveram conjuntamente romances e a obra *L'art du dix-huitième siècle* (A Arte no século XVIII).

3. Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920): história da literatura brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. Campinas: UNICAMP, 2003. 387 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

VASCONCELOS, Sandra Gardini Teixeira. *A formação do romance inglês: ensaios teóricos*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp, 2007.

ZOLA, Émile. *O romance experimental e o Naturalismo no teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Mercado de Letras, 1990.